A GEOGRAFIA BRASILEIRA, HOJE: ALGUMAS REFLEXÕES[1]

LA GEOGRAFIA BRASILEÑA HOY: ALGUNAS REFLEXIONES

THE BRAZILIAN GEOGRAPHY, TODAY: SOME REFLECTIONS

Ana Fani Alessandri Carlos
Professora Adjunta do Departamento de Geografia da faculdade de Filosofia, etras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, Brasil.
Endereço eletrônico: anafanic@usp.br

Resumo: Traçar um panorama da produção geográfica, hoje, é uma tarefa hercúlea, e corremos o risco da simplificação. No entanto podemos dizer que os caminhos trilhados revelam momentos em que a produção tende a revelar a constituição de uma base teórico-metodológica que se pretende hegemônica e períodos onde a multiplicidade temática e teórico-metodológica se impõe; este último, marca o período atual. Uma questão, ao meu ver, pode orientar o debate sobre o momento atual da produção do conhecimento geográfico sobre o mundo atual: vivemos uma crise do pensamento teórico, hoje, imposto pela captura da geografia ao mercado, com a geografia aplicada e a geografia do turismo?
Palavras–chaves: Geografia; geografia humana; espaço; lugar.

Resumen: Trazar un panorama de la producción geográfica, en estos días, es una tarea titánica, y corremos el riesgo de la simplificación. Sin embargo, podemos decir que los caminos recorridos revelan momentos en que la producción tiende a indicar la constitución de una base teórico-metodológica que se pretende hegemónica y períodos donde la multiplicidad temática y teórico-metodológica se impone; esta última tendencia marca el período actual.Una interrogante, desde mi punto de vista, puede orientar el debate sobre el momento de la producción del conocimiento geográfico sobre el mundo actual: vivimos una crisis del pensamiento teórico, impuesto por la captura de la geografía por el mercado, con la geografía aplicada y la geografía del turismo?
Palabras clave: geografía; geografía humana; espacio; lugar.

Abstract: Trace a panorama of the geographic production nowadays is a herculean task, and we actually take the risk of the simplification. We can tell, however, that this route reveals moments in which the production constitutes a theoretical methodological basis that is intended hegemonic and, on the contrary, periods in which the thematic multiplicity emerges; this last, spots the current period. A question, in my opinion, can guide the debate on the current moment of the production of the geographical knowledge about the current world: Do we live a crisis of the theoretical thought, defined by the capture of the geography by market, with the applied geography and the geography of the tourism?
Key words: geography, urban geografy, space, local.

"a história como um conjunto de possibilidades,é um dado a priori"
Milton Santos, 1994

O tema proposto coloca-nos diante de uma dificuldade insuperável, a impossibilidade de dar conta de tudo o que se produz no Brasil. Outra dificuldade reside no fato de que a fragmentação exacerbada das ciências parcelares as fez romper com a totalidade da realidade e da própria disciplina gerando especialidades sem fim. O tema também pode revelar uma armadilha, a tentação de construir um panorama da Geografia Brasileira, através da compilação de um conjunto de informações, o que pode nos levar a falar de tudo e mergulhar no nada, ao mesmo tempo.

Sem a pretensão de dar conta do conjunto da produção geográfica brasileira, vou tecer alguns comentários baseados em minha reflexão particular, o que explica a escolha de autores para dialogar e temáticas para desenvolver. Com essas considerações iniciais, espero explicar o sentido da minha exposição e os limites da minha argumentação.

Posso pensar, inicialmente, numa questão capaz de nortear o tema: qual é a especificidade da Geografia brasileira? Isto é, no que ela se diferiria da produção dos outros países? Parto de uma hipótese: a geografia brasileira ganha especificidade muito mais na medida em que os geógrafos se colocam como tarefa pensar refletir/revelar o mundo em que vivem - e nesta direção viver no Brasil envolve pensar o modo como o capitalismo se desenvolveu e continua se reproduzindo num país periférico - do que enquanto criador de correntes geográficas próprias. Significa pensar, portanto, no modo como o capitalismo se desenvolve e nesse processo de realização que contradições produz e com que profundidade elas se realizam. Mas, ao mesmo tempo em que nossa especificidade se daria em função das singularidades das situações vividas no Brasil, o conhecimento da realidade analisada rebate, imediatamente, no plano teórico obrigando-nos a repensar as categorias de análise da geografia, ao mesmo tempo em que se faz necessário criar outras, portanto, os pressupostos teóricos que dão conteúdo as correntes teórico-metodológicas da Geografia, ganham novos conteúdos e articulações.

O que está em questão é o modo como os geógrafos influenciados por esta ou aquela tendência, produziram um entendimento sobre a realidade na qual vivem e o modo como esta reprodução se realiza.Tal fato significa que o arcabouço teórico e os paradigmas, se atendem a uma preocupação ampla, não podem ser, simplesmente, aplicados como modelos em nossa realidade.

Para tanto, a meu ver, existe a produção de um conhecimento geográfico que ultrapassa não só a aplicação de modelos importados mas, fundamentalmente, tem analisado, em profundidade o movimento do real e do pensamento pois a realidade está em movimento e, porque se move, coloca o desafio, sempre renovado, da elaboração de novas teorias no sentido da construção da crítica da sociedade contemporânea. Portanto, o que se coloca é: o que a geografia produz de novo? Em que direção caminha essa "nova produção"?

Estou apontando, com este raciocínio, a idéia de Marx sobre a profunda unidade do real e do conhecimento - ponto de partida através do qual avalio a contribuição da geografia no desvendamento do mundo moderno.

[1] Esse texto foi-me solicitado pelo professor Carles Carreras para ser apresentado, sob a forma de conferência, na Universidade de Barcelona, em maio de 2002; sua elaboração representou, para mim, um dos maiores desafios que já enfrentei. Já havia esboçado uma tentativa de traçar um panorama da geografia que apareceu publicado no Boletim Paulista de Geografia - AGB, São Paulo. Espero que as indicações bibliográficas, no final, possam preencher alguns vazios deixados pelo texto.

A produção de um "saber geográfico" move-se no contexto do conhecimento que é cumulativo (histórico), social (dinâmico), relativo e desigual, ao mesmo tempo contínuo/descontínuo. O dinamismo no qual está assentado o processo de conhecimento implica em profundas transformações no pensamento geográfico. O "novo" emerge do constituído e a geografia é um saber em constituição - um processo de reprodução que se realiza pela superação, através de uma postura crítica. Portanto, pode se afirmar que existe, ao longo da constituição do conhecimento geográfico, um movimento constante de superação e de busca de novos caminhos teórico-metodológicos, o que pressupõe que a elaboração de noções e conceitos apareça articulada à prática social enquanto totalidade que se define, dinamicamente, e nos permita pensar a dimensão do homem. O método pode apontar para a incorporação do **possível**, o do **virtual**; e, nesse sentido a teoria do conhecimento apresenta-se de um lado como histórica e desigual, de outro, com uma preocupação com o futuro.

Há uma multiplicidade de abordagens, correntes que se justapõem e se superam, movimentos que não podem ser limitados, nem definidos claramente, tanto num momento histórico determinado quanto ao longo do processo de constituição do pensamento na história. As verdades não são absolutas, mas relativas e seus limites são sempre superados; convém não esquecer que a cada dia se descobre e inventa-se nesse domínio, abrindo perspectivas para se pensar o mundo de outro modo. Não existe, portanto, um movimento linear que vai da "ignorância ao conhecimento". O movimento é contraditório e o caminho cheio de meandros, "um caminho que se faz a si mesmo", no dizer de Henri Lefèbvre.

Uma coisa é altamente positiva, na geografia brasileira: a multiplicidade de abordagens teórico-metodológicas e, nessa perspectiva, o pensamento geográfico não é homogêneo, mas contraditório e múltiplo; um movimento em construção, que não é contínuo, apresentando descontinuidades, continuidades. Essa multiplicidade tem garantido um debate cerrado em torno da capacidade da geografia de produzir um conhecimento sobre a realidade brasileira. Portanto, os desafios também são diferenciados. Por outro lado, a constituição de um saber geográfico se move num contexto histórico social o que significa dizer que as mudanças nos modos de pensar a geografia são produto direto das transformações econômicas, políticas e sociais. Enfim, o problema é como pensar a realidade brasileira tendo por base os conteúdos produzidos pela ciência geográfica, para a qual o historicismo tem um papel central.

Esboço essas idéias a partir do lugar de onde penso a realidade brasileira: São Paulo e o Departamento de Geografia da Universidade de São Paulo, que aparece como um marco importante no cenário brasileiro, tem suas origens ligadas à criação da Universidade de São Paulo em 1934. É nesse momento que se cria o Departamento de Geografia (DG) dentro da Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas com a vinda dos professores franceses para São Paulo. Esse mesmo grupo vai criar, em 1937, também em São Paulo, a Associação dos Geógrafos Brasileiros - AGB. É também no DG-USP que é defendida, em 1944, a primeira tese de doutorado em Geografia. De lá para cá (1944-2001) foram defendidas 598 teses e dissertações de mestrado em Geografia Humana e 332 na área de Geografia Física.[2] É na pós-graduação que as tendências ficam mais claras, aí é o lugar precípuo da pesquisa e aí se lê com nitidez a existência de duas áreas distintas: a geografia humana e a geografia física (construindo dois programas de pós-graduação distintos) em muitos momentos com pouco diálogo entre elas. Essa é uma característica marcante.

Do ponto de vista da história da produção geográfica brasileira, há dois grandes centros - São Paulo e Rio de Janeiro - que dominam a formação dos pesquisadores bem como a produção

[2] Para dar uma noção, o Departamento conta hoje com 34 professores no programa de Geografia Humana e 18 no programa de Geografia Física somando, entre os dois, 308 alunos. Na graduação existem, hoje, 1.040 alunos matriculados.

intelectual da geografia brasileira. Fato este que ocorre até o presente, quando começam a surgir outros cursos de pós-graduação no país (que, em boa hora, são criados para atenuar as disparidades regionais). Um dado desta concentração é o fato de, em 2001, o Departamento de Geografia da USP ter produzido 60% das teses de doutorado de todo o Brasil e mais de 25% dos mestrados.

Desde a fundação da chamada "geografia científica" no Brasil há uma forte influência do pensamento francês - o possibilismo embasa os trabalhos durante três décadas. A década de 1960 marca um momento na geografia brasileira em que se contrapõem duas grandes tendências. No Rio de Janeiro desenvolve-se, no IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) a chamada New Geography ou Geografia Quantitativa que passa a influenciar a maioria das pesquisas. De fundamentação matemática, esses trabalhos viam a realidade a partir da perspectiva da regularidade dos fenômenos no espaço, fazendo da técnica um fim em si mesma, enquanto na Universidade de São Paulo as pesquisas tomavam um rumo diverso. Contrapondo-se às idéias esposadas por Berry e fiéis à escola francesa de interpretação da realidade, desenvolvem-se as pesquisas baseadas nos fundamentos da chamada Geografia Ativa, sob a influência de Pierre George - que nasce da constatação da extrema mobilidade das situações atuais, conduzindo a um estudo ativo que pode inspirar ou guiar as ações e, que a meu ver, prepara o caminho das grandes transformações do final dos anos 70 na Geografia brasileira.[3]

Os anos 70 marcam as grandes transformações nos modos de pensar, fazer e ensinar a geografia. A partir da matriz do historicismo, podemos abordar duas importantes tendências: a marxista, que determinou as bases do movimento chamado Geografia Crítica ou Geografia Radical e a fenomenologia. Na primeira, o materialismo dialético permitiu pensar de outro modo a articulação entre as disciplinas abolindo-se as fronteiras entre as mesmas, abrindo para a geografia um debate profícuo com a sociologia e com a economia, além de seu parceiro constante, a história.

Baseado no materialismo dialético, a chamada geografia radical passa a fundamentar, no Brasil, a esmagadora maioria dos trabalhos na área de Geografia Humana. Esta tendência contrapõe-se, violentamente, ao neopositivismo assumido pela Nova Geografia - ou Geografia Quantitativa. Coloca em xeque o saber geográfico e abre perspectiva para se pensar a espacialidade das relações sociais. O seu maior mérito foi, sem dúvida, a preocupação teórica que surge e com toda força e marca o período. "Um cidadão que não teoriza é um cidadão de segunda classe" e o poder da geografia é dado pela sua capacidade de entender a realidade em que vivemos, afirmava, na época, o professor Milton Santos. Por outro lado, Manuel Correa de Andrade se perguntava se a geografia deveria ser mero devaneio intelectual ou se deveria fornecer condições para a racionalização da organização do espaço brasileiro, oferecendo uma contribuição à solução dos problemas brasileiros?

O debate em torno do espaço, enquanto categoria de análise da geografia, ganhava uma dimensão filosófica. Era fundamental pensar o espaço, é ele que dava a especificidade à Geografia, um debate até então minimizado pela Geografia brasileira. A superação da idéia de espaço enquanto palco da atividade humana criava a condição de analisar a realidade além de seu plano fenomênico colocando em debate a articulação dialética entre homem e natureza; com isso, abria-se numa nova perspectiva para a geografia. Rompe-se com a postura positivista do "mistério da

[3] Segundo Figueiredo Monteiro, nos anos 60 começa a preocupação com os estudos urbanos, temáticas associadas à cidade e à região, bem como com as relações cidade campo, interesse este que se acentua nas décadas subseqüentes, ao lado da preocupação emergente com o debate teórico. É, também, o momento em que se desenvolvem os trabalhos de pesquisa com um aumento significativo das teses produzidas nas universidades brasileiras. A década de setenta ainda é, segundo o autor, marcada pela querela entre os quantitativos e os tradicionais.

origem do fenômeno"; ou mesmo da idéia de correspondência e solidariedade entre os fenômenos, desenvolvida por Vidal de La Blache. O materialismo dialético estruturava a base do conhecimento enquanto adequação do pensamento e do ser; de um conhecimento que não se reduziria ao pensamento abstrato, antes o articularia à dimensão da prática social enquanto conteúdo do real, levando a compreensão do caráter contraditório das relações que produzem o espaço geográfico, permitindo orientar o pensamento para a ação, num esforço de compreender o conteúdo teórico da sociedade em seu processo contraditório de humanização/desumanização do homem em suas condições concretas de existência.

Nesta perspectiva, o espaço é entendido como produto de um processo de relações reais que a sociedade estabelece com a natureza (primeira ou segunda). A sociedade não é passiva diante da natureza; existe um processo dialético entre ambas que reproduz, constantemente, espaço e sociedade, diferenciados em função de momentos históricos específicos e diferenciados.

Nesse sentido, o espaço é humano não porque o homem o habita, mas porque o produz. Um produto desigual e contraditório à imagem e semelhança da sociedade que o produziu com seu trabalho. Por sua vez, o homem é visto enquanto membro indissociável da sociedade de classes imersas em suas contradições, introduzindo a idéia do envolvimento consciente do sujeito no processo histórico da qual faz parte e não mais como membro de uma coletividade, integrante um grupo homogêneo, implodindo, por exemplo, com os conteúdos da então geografia da população.

Assim, a Geografia Humana deixava de ser, no dizer de Le Lannou, o conhecimento tópico das diversas instalações humanas sobre o planeta", para ser o estudo da realidade social constituída historicamente através da espacialização das relações sociais e o homem deixava de ser um agente geográfico de primeira ordem capaz de elaborar meios e ambientes (no dizer de Cholley), nem é mais o homem-habitante (Le Lannou). Pensa-se o homem enquanto sujeito, ser social e histórico que produz o mundo e a si próprio, num processo amplo de reprodução, ultrapassando a mera reprodução biológica e material.

A dificuldade surgida nessa perspectiva de análise refere-se ao método. O materialismo histórico era base das pesquisas, mas a partir dele se produziu uma vertente econômica que dominou muitos trabalhos e que está presente até hoje. Nesta direção, o homem aparece enquanto força de trabalho e o espaço como um produto direto da ação do capital. Nesse sentido, negligenciou-se o significado da noção de produção bem como o sentido social da reprodução. Aqui, a necessidade de se pensar a realidade como uma totalidade em movimento ignora o sentido social da produção do mundo. Outros trabalhos ignoram o movimento do método que colocava a superação como sentido último da necessidade de apreensão do movimento da realidade preferindo o caminho seguro de se buscar em Marx as categorias de análise que deveriam usar - deste modo um pensamento em movimento, fixava-se em modelos. Assim, transplantou-se, por exemplo, para as análises urbanas a teoria da renda da terra que Marx desenvolvera para pensar o campo, ignorando-se que na cidade a natureza do solo urbano era outra. Do mesmo modo, analisava-se a produção do espaço apenas em seu sentido estrito. Em muitos casos, o materialismo dialético entrou muito mais enquanto forma de linguagem do que enquanto teoria e método capaz de desvendar o mundo moderno, através da geografia.

É exatamente essa atitude que, a meu ver, explica a crise do marxismo na geografia brasileira, hoje. Como um fenômeno de "moda", o marxismo penetrou na geografia causando uma forte deturpação do pensamento de Marx com o aparecimento de *n* marxismos (os mais imediatistas aderiram à moda, por exemplo, embalados pela simplificação produzida por Marta Harnecker).

Como o pensamento de Marx foi cristalizado, imobilizado-se em modelos, ele não gerou o movimento da crítica por dentro de seu pensamento, o que não produziu um movimento con-

seqüente em direção à superação de suas idéias, afinal as análises realizadas por Marx se referiam às análises do período histórico do capitalismo concorrencial.

A vulgarização da obra de Marx impediu a construção de um caminho em direção à superação no âmbito dos grupos que fundamentavam sua pesquisa no materialismo. Há, também, por parte de alguns geógrafos, uma rejeição ao marxismo que, em alguns casos, dá-se como um fenômeno de "moda", o que tem impedido a análise no sentido da superação dentro do materialismo dialético. Alguns deles passam a trilhar o caminho do ecletismo, outros se fascinam com a possibilidade da análise fenomenológica apoiada fundamentalmente em Husserl e Hartman. Essa Geografia humanista destaca os aspectos humanos e nesse sentido é antropocêntrica, indicando valores, objetos e propostas da ação humana. Existe, por outro lado, uma valorização dos processos da consciência e de experiência pessoal como alternativa frente às abstrações do cientificismo positivista.

A base filosófica da fenomenologia se converte numa ciência rigorosa e contemplativa que capta intuitivamente a essência das coisas como se dão na consciência. A análise fenomenológica aparece como contemplação desinteressada dos objetos do mundo considerados como fenômenos e estabelece a suspensão de todas idéias prévias sobre a natureza dos objetos. Nesse sentido, abstêm-se da especulação e se limitam a descrever as aparências diretas.

Essa perspectiva inclui, na análise, questões referentes à estética, literatura e lingüística, afirmando que não se pode estudar o homem apenas a partir de uma perspectiva científica, mas não se desenvolvem as articulações entre a ciência e a arte. O postulado básico é o espaço vivido como mundo da experiência imediatamente anterior às idéias científicas. A relação homem-meio é, assim, individualizada pela cultura e paisagem geográfica, que inclui sentimentos ocultos que os homens têm dos grupos. Essas idéias passam a fundamentar a chamada "geografia cultural" que centra suas análises no estudo da cultura colocando a paisagem no centro, redefinindo seu conteúdo. Hoje, os estudos apontam uma superação, em relação à geografia cultural do passado, privilegiando os significados da organização espacial das práticas, como salienta Lobato Corrêa. Nesta direção, apareceriam quatro eixos possíveis de análise: a paisagem geográfica, as regiões culturais, a religião e a cultura popular.[4]

Mas o desenvolvimento da Geografia não se faz sem crises e estas, por sua vez, ao demandar um debate aprofundado, abrem que perspectiva?

Para superar as crises há várias repostas, aquelas que se referem ao método, têm as respostas mais variadas, incluindo aquelas que postulam uma postura "autonomista" que prega a multiplicidade metodológica ou mesmo uma volta ao empirismo. Podemos concluir da leitura de muitos trabalhos recentes que há uma volta ao descritivo; a passagem dos estudos macros para o micro assentado na análise do poder local e a renúncia de busca de instrumentos de interpretação global de uma sociedade em crise.Também parecem perder, um pouco, do *glamour* os debates sobre o método. O que significa dizer que há fortes resistências ao debate teórico, como ocorria nos anos 70/80. No mundo "da velocidade", é preciso buscar resposta mais rápidas aos problemas colocados.

Portanto, assiste-se, hoje, a reabilitação do empirismo, a descrição do lugar, o retorno ao individuo para abolir o pensamento crítico e a reabilitação da evidência positivista e, com isso, em alguns casos, o retorno ao senso comum. O retorno à descrição do lugar, muitas vezes, sem a preocupação com o conteúdo esvazia a potência do debate teórico dos anos 70/80.

[4] Roberto Lobato Corrêa, in: Mesa redonda sobre geografia cultural, no Encontro Nacional da AGB realizado em João Pessoa, em julho de 2002, da qual também participaram Zeny Rosendhal e Maria Geralda de Almeida com posições semelhantes.

Na direção oposta ao abandono do marxismo por uma parte dos antigos marxistas há, também, um conjunto grande de trabalhos que se propuseram a fazer uma crítica do marxismo por dentro; isto é, a leitura crítica do legado de Marx como, por exemplo, é proposto por Henri Lefèbvre, parece-nos um caminho profícuo - que funda uma análise, hoje, sobre a cidade e o urbano no Brasil.

Na realidade, a meu ver, a geografia e, de resto as ciências sociais, estão hoje numa encruzilhada que busca responder as perguntas que surgem num mundo em constante processo de constituição apontando para uma evidente crise teórica. Como se pode compreender hoje a solidez da ordem capitalista e sua capacidade de adaptação e restituição? Como desconsiderar o fato de que o desenvolvimento do modo de produção e da técnica produziu um novo espaço e uma rotina organizada da vida? Como analisar o empobrecimento significativo das relações sociais, onde a vida das pessoas se prende cada vez mais ao universo da necessidade? Como desconsiderar o fato de que a coisificação das relações sociais que ocorrem no processo produtivo desvaloriza o homem em detrimento do objeto criado, cuja posse significa riqueza e poder? Como mudanças rápidas são compatíveis com a estabilidade de certas relações fundamentais; como entender a manutenção de antigas relações - aquelas vindas da história - e as novas relações que compõem, hoje, o cenário da mundialização? Como entender, em sua profundidade, o "mundo da mercadoria" como produto da realização do capitalismo?

Defrontamos-nos, também, com uma questão de suma importância: como a produção do conhecimento revela a análise da realidade, e nesse processo, qual é o papel do geógrafo na sociedade atual?

Para Oliveira, uns geógrafos "fazem da ciência instrumento de ascensão social e envolvimento político, outros procuram colocar o conhecimento científico a serviço da transformação e da justiça social" e, nesse sentido, propõe que é importante construir as explicações das diferenças, demarcá-las (...) a produção intelectual da geografia brasileira na atualidade está marcada por estas diferenças"[5] revelando o modo de inserção do geografia na sociedade brasileira.

O embate entre geografia física e geografia humana

O aprofundamento do processo da divisão do trabalho que ocorre no processo produtivo captura a ciência, verticalizando-a. De um lado, isso implica num ganho: só existe processo de conhecimento na medida em que se divide, se aprofunda em cada uma das partes; mas torna-se necessário a articulação dos momentos numa totalidade; caso contrário, encaminha-se para a perda da unidade produto de separação extremado. Teoricamente, fala-se da unidade de Geografia, mas no cotidiano da produção da pesquisa, a Geografia Física (e suas múltiplas subdivisões) se separa da Geografia Humana e suas múltiplas subdivisões, apontando, às vezes, parte um diálogo impossível.

Essa subdivisão está apoiada nos modos como se entende a relação homem/natureza. Enquanto o diálogo da Geografia Humana é, principalmente, com sociólogos, economistas, arquitetos, historiadores, a Geografia Física tem como interlocutores principais os geólogos e os biólogos. A Geografia Física caminha sob uma perspectiva metodológica fortemente marcada pelo estruturalismo, a análise integrada do meio físico através do conceito de geossistema, onde o desvendamento dos processos sociais é secundário, reduzindo-se a uma ação antrópica.

[5] Ariovaldo Umbelino de Oliveira, "A geografia Agrária e as transformações territoriais recentes", in: Novos caminhos da Geografia" (Org. Ana Fani Alessandri Carlos), Editora Contexto, São Paulo, 2001, p. 64.

Queiroz[6] afirma, por exemplo, que Geografia Física tem, como objeto central, a preocupação o estudo dos aspectos, e fatos atuais e passados da superfície terrestre buscando compreender as paisagens naturais sob todos os ângulos, sobretudo porque é nela que se desenvolvem as atividades humanas[7] sendo a geomorfologia o principal braço da Geografia Física já que tem como objeto o estudo das formas de relevo, sua gênese e evolução, bem como seus comportamentos atuais; um ramo do conhecimento que estuda o meio natural e a investigação dos efeitos da ação antrópica sobre o meio natural - hoje a esta preocupação se acrescenta aquela com os "desastres ambientais". Para Coltrinari, "quando a geografia formula os princípios gerais que regem e explicam a organização espacial, seja das características dos fatos físicos e biológicos, seja dos homens e suas atividades, definem-se nela campos específicos e cabem à Geografia Física os fenômenos naturais - o relevo, o clima, as águas superficiais e subterrâneas, os oceanos, o solo a flora e a fauna"[8]. O trabalho da referida professora desenvolve-se a partir da análise sistêmica.

Já Tarifa[9], ao analisar o clima na metrópole de São Paulo, apoiado na fundamentação de Henri Lefèbvre sobre a noção de ritmo, rompe com o geossistema colocando a perspectiva de uma outra análise da relação espaço-tempo na Geografia Física. Para o autor, o conceito de ritmo como expressão da sucessão habitual dos tipos de tempo em um determinado lugar, foi-se revelando insuficiente e nesta medida aponta uma superação ao considerar a "universalidade de interações, enquanto totalidade temporal espacial, inerente ao próprio movimento da vida biológica, humana e social"; nesta direção, a análise do ritmo seria "um dos caminhos possíveis para compreender a interação dialética entre os fenômenos biológicos, humanos e sociais do espaço em determinado lugar da superfície da terra"[10] porque permitiria desvendar a lógica dos processos biogeofísicos e a lógica dos processos sócio-econômicos.

Suertegaray e Nunes[11] salientam que há um movimento no conhecimento na Geografia Física que marcaria a passagem das análises assentadas na morfogênese àquelas baseadas na morfodinâmica impostas pelas transformações ocorridas, fundamentalmente, como decorrência das transformações do tempo e da técnica e suas conseqüências na natureza. Aqui há um raciocínio interessante, pois os autores identificam várias categorias de tempo, o longo (relativos a morfogênse do relevo), o "tempo que escoa" que seria o tempo linear e o "tempo que se faz" que é o tempo da probabilidade, dos ritmos, das oscilações.[12] O "tempo que faz" seria, na opinião dos autores, promotor de mudanças espaciais a partir de escalas espaciais de reduzida dimensão "essa aceleração do tempo diz respeito ao desenvolvimento da sociedade e do homem através de seu fazer técnico. Por conseguinte, admitir a transformação do relevo como conseqüência da apropriação da natureza e sua progressiva dominação implicaria um repensar epstemológico que nos exige transgressão disciplinar e nos aproxima das humanidades".[13]

[6] José Pereira de Queiroz Neto, "A Geografia Física na virada de século" in: Revista GEOSUL, Editora da Universidade Federal de Santa Catarina, v.13, n. 25. jan/jun. 1998, p. 55 a 68.

[7] Idem ibidem, p. 60.

[8] Lylian Coltrinari, "A geografia física e as mudanças ambientais", in: Novos Caminhos da geografia, org. Ana Fani Alessandri Carlos, Editora Contexto, São Paulo, 2001, p. 30.

[9] José Roberto Tarifa, "O ritmo e a prática do estudo dos climas de São Paulo (1970-200)", in: Os climas da cidade de São Paulo, Org. Tarifa, J. R . e Azevedo, T. R., Série GEOUSP, número 10, Departamento de Geografia, FFLCH – USP, São Paulo, 2001, p.11-33.

[10] Idem ibidem, p. 29.

[11] Dirce Maria Suertegaray e João Osvaldo Rodrigues Nunes, "A natureza da Geografia Física na Geografia" in: Paradigmas da Geografia, Parte II, Revista Terra Livre, Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB), n. 17, 2º semestre de 2001, São Paulo.

[12] Idem ibidem, p. 19.

[13] Idem ibidem, p. 21.

Apontam, no artigo, três tendências, hoje, da geomorfologia. A primeira corrente aponta a manutenção do empirismo lógico como fundamento de suas pesquisas; a segunda, que trabalharia com a dinâmica da natureza a partir das práticas humanas e uma terceira, onde a geomorfologia aplicada revelaria o caráter utilitário da ciência produtora de informação sobre a dinâmica da natureza visando diagnósticos ambientais.

Os pesquisadores, hoje, se defrontam com problemas postos pelo processo de reprodução do capital que ao se realizar, criou profundas contradições dentre elas gerou o que se chama de degradação da natureza - mas com isso também produziu estratégias e um discurso sobre a sua conservação, ambos como decorrência de sua necessidade de continuar o processo de acumulação submetido ao jogo da maximização do lucro das empresas. Portanto, os geógrafos físicos se deparam com o fato de que é necessário ultrapassar as análises da dinâmica da natureza excluída da dinâmica social. Assim, o debate ambiental repõe, em tese, para a Geografia Física, a dimensão social e, para a Geografia Humana, a reconsideração da análise da natureza. O problema é como este debate vai se realizar.

Há, sem dúvida, uma dificuldade na articulação entre um conhecimento da natureza e da sociedade, que segundo apontam alguns geógrafos, tem na chamada Geografia Ambiental, um momento de superação. Em muitos trabalhos a preocupação com a sociedade parece tomar conta do debate na medida em que os geógrafos se deparam com o problema da deterioração ambiental, mas ainda carecem de uma profunda análise sobre o sentido da análise da natureza, de seus conteúdos, num outro plano. Na ausência deste debate, o termo natureza é substituído pelo de "meio ambiente" ou "ambiente" sem que tenha havido um processo teórico de passagem entre as noções de natureza e de ambiente.

A chamada "análise ambiental" tem apontado, insistentemente, para a naturalização dos processos sociais, isto é, as relações sociais submergem na problemática ambiental. Para Seabra, "o natural é histórico e só existe nessa condição... A natureza só existe para o homem na medida que esse mesmo homem se reconhece como ser histórico em conseqüência do desenvolvimento de uma relação teórica e prática com o universo imediato sensível"[14] e a questão que se colocaria, para a autora, é "como e por que a prática social pode estar sendo submissa a proposição do ambientalismo".

Mendonça[15] propõe, para superar o problema do naturalismo que está impregnado na expressão meio ambiente, a consideração do termo socioambiental, "o sócio, aparece, então atrelado ao termo ambiental para enfatizar o necessário envolvimento da sociedade enquanto sujeito, elemento, parte fundamental dos processos relativos a problemática ambiental contemporânea".[16] Para dar conta do que seria a Geografia Socioambiental, propõe uma perspectiva interdisciplinar e um ecletismo metodológico com a articulação entre materialismo, estruturalismo, fenomenologia.

Essa proposta baseada no ecletismo metodológico colocaria, para a Geografia Física, o mesmo problema que para os estudos na área de Geografia Humana pelo menos, uma contradição: como conciliar, numa pesquisa, a concepção de totalidade estruturada, fechada com aquela de totalidade aberta, em movimento?

Estaríamos longe de resolver um caminho que rompa com a dualidade homem-natureza e se volte para o desvendamento do processo de reprodução do espaço, hoje, com tudo o que isto

[15] Francisco Mendonça, "Geografia socioambiental" in: Paradigmas da Geografia, Parte II. Revista Terra Livre, Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB), n. 17, 2º semestre de 201, São Paulo, p. 113-131.
[16] Idem ibidem, p. 117.

implica? Nesta direção, a questão ambiental poderia apontar para o desvendamento do espaço, como afirma Bitoun[17] colocando "duas questões" - ambiental e social - que fariam emergir a unidade do espaço geográfico, através do reconhecimento da inseparabilidade da natureza e da sociedade e, portanto, levando-nos a examinar os conflitos que ocorrem nas formas de relação, próprias de um tempo histórico, que se materializam em lugares da terra.

No caso das derivações do termo ambiente, chamo atenção para o tratamento da cidade enquanto "ambiente urbano" que esvazia o conteúdo teórico da noção de cidade e faz com que a natureza apareça como conteúdo da vida urbana. Tal postura envolve discursos contraditórios encaminhando propostas bizarras. Na realidade, ao longo da história o homem modifica a natureza em torno dele e nele, não há de modo dissociável uma cidade e uma natureza. Não é o homem quem destrói a natureza o que esta em questão é o modo como se reproduz continuadamente a cidade e o projeto que apóia essa construção – o poder do Estado e do capital com seus interesses e conflitos, por exemplo.

Espaço, território, lugar

Na Geografia Humana, o debate teórico-metodológico é mais acirrado - a perspectiva do espaço enquanto categoria de análise propõe debates sem fim.

Do meu ponto de vista, parece-me fundamental o fato de que o processo de produção/reprodução do espaço se realiza de modo ininterrupto, apresentando, em cada momento da história, características específicas - um processo que envolve vários níveis; o político que produz o espaço de dominação (posto que o poder político se realiza no espaço); o econômico que produz o espaço como condição e meio da realização da acumulação e, finalmente, o social, isto é, a realização da vida cotidiana enquanto prática sócio-espacial. Esses três planos articulados e justapostos revelam a dinâmica espacial iluminando os conflitos e contradições em torno desta produção.

A análise da prática sócio-espacial sinaliza que as relações sociais se materializam enquanto relações espaciais o que significa dizer que a vida cotidiana se realiza num espaço/tempo passível de ser apropriado, vivido, representado. Enquanto modo de uso o espaço varia ao longo do tempo determinando e sendo determinado pela realização da vida social no território - assim revelando, em suas transformações, modificações importantes na sociedade.

Novas perspectivas se abrem é preciso repensar velhos conceitos, pensar em novos - a noção de espaço percorre toda a Geografia. A questão do espaço na Geografia coloca, obrigatoriamente, a questão do tempo e hoje as novas relações espaço-tempo ganham vastas dimensões, influenciadas pela globalização. Alguns autores (Virilio, Harvey, Levy; no Brasil, Haesbaert) vêem, nesse novo processo, a desterritorialização do homem e de suas atividades. A esta idéia se contrapõe aquela segundo a qual o processo, que se constitui numa articulação entre o local e o mundial, antes de anular o espaço, se realiza reproduzindo o espaço enquanto elemento estratégico á reprodução da sociedade. Novas atividades criam-se no seio de profundas transformações do processo produtivo, onde o tempo se transforma, comprimindo-se. O tempo do percurso é outro, compactou-se de modo impressionante, mas as distâncias continuam, necessariamente, a ser percorridas - por mercadorias, fluxos de capitais, informações etc. - não importa se em uma hora ou em frações de segundos no caso do mercado financeiro; se nas estradas de circulação terrestres convencionais - auto-estradas que cortam visivelmente o espaço marcando profundamente a paisagem - ou se nas *super highways*, os cabos de fibra ótica, satélites etc.

[17] Jan Bitoun, Os embates entre as questões ambientais e sociais no urbano, exposição apresentada no VII Simpósio de Geografia Urbana, Departamento de Geografia, FFLCH - USP, outubro de 2001.

Deste modo, o que presenciamos, hoje, é a tendência à compressão do tempo. Na realidade, não se trata de sua abolição total, mas de sua substancial diminuição, como conseqüência do espantoso desenvolvimento da ciência e da tecnologia aplicados ao processo produtivo.

Nesse processo constata-se, hoje, profundas e amplas transformações espaciais, mas ao invés da anulação, do espaço, o que se revela, é a sua reafirmação, posto que é cada vez mais importante dentro das estratégias da reprodução.

Assume importância, na análise, a categoria de lugar que ganha uma nova realidade ultrapassando a idéia de existência particular, primeiro porque a própria idéia de globalização aparece como metáfora[18], posto que enseja a espacialização, logo o lugar tem a dimensão de realização de um processo na articulação local/global - enquanto quadro de uma referência pragmática do mundo. Em segundo lugar, o mundo aparece enquanto algo que não se concretizou completamente: o mundo não é apenas um conjunto de possibilidades cuja efetivação depende das oportunidades oferecidas pelos lugares. O lugar, nesta direção, oferece ao movimento do mundo a possibilidade de sua realização mais eficaz. Essa idéia refuta com força as afirmações que imputam, como conseqüência da globalização, a desterritorialização[19].

Milton Santos tem um papel significativo neste debate. Aparece, como ponto de partida a sociedade em processo realizando-se sobre uma base material onde o **lugar** atribuiria, às técnicas, o princípio de realidade histórica relativizando seu uso, integrando-as no conjunto da vida, retirando-as de sua abstração empírica. Convém não esquecer que a globalização aparece como metáfora, posto que enseja a espacialização logo o lugar tem a dimensão de realização de um processo na articulação local/global - enquanto quadro de uma referência pragmática do mundo. Nesta direção, a ordem global busca impor em todos os lugares sua racionalidade; mas este processo é profundamente desigual e contraditório, reproduzindo-se no terceiro mundo "como perversidade"; com isso, Santos amplia os termos do debate sobre o modo como o processo capitalista se realiza.

Ainda segundo o autor, esse processo, aparece de modo contraditório, pois a globalização vem do fora como um dado absoluto, portanto abstrato, imposto brutalmente, de modo indiscriminado às sociedades e aos territórios, instalando-se como uma nova forma de usos do território, "impondo-lhe modificações súbitas aos conteúdos quantitativos e qualitativos e alterando todas as relações mantidas dentro de um país, já que o território é sempre unitário". Nesta direção, "as tensões agora reveladas pelo território resultam de um conjunto de forças estruturais agindo nos lugares. Daí a desordem geral que se instala, como vingança do território contra a perversidade do seu uso"[20]. É deste modo que a análise do local ganha uma nova realidade ultrapassando/ reafirmando a idéia de existência particular sem, contudo, deixar de realizar-se enquanto *possibilidade*. Isto porque a leitura do espaço, no plano do lugar, revela que há uma racionalidade que se pretende hegemônica, aprofundando a segregação e a desigualdade social, sem deixar de revelar, de forma contraditória, a possibilidade da "insurreição" a partir da qual a ação humana se realiza enquanto possibilidade criando a base da constituição da cidadania.

Evidentemente, a chamada "nova ordem mundial" nos leva a refletir sobre a inserção do Brasil na dinâmica internacional - neste sentido, o conhecimento geográfico deve dar conta daquilo que está posto no horizonte: o capitalismo se desenvolveu e neste processo realizou o que era virtualidade, ganhou o mundo penetrando em todos os cantos do planeta ligando os espaços numa articulação profunda. Mas sempre de modo desigual, a realização da mundialização coloca

[18] Milton Santos, A natureza do espaço. Editora Hucitec, São Paulo, 1996.
[19] Ana Fani Alessandri Carlos, "Espaço-tempo na metrópole", Editora Contexto, São Paulo, 2001.
[20] Idem ibidem, p. 86.

novas questões: principalmente o modo como se realiza no Brasil. Aparecem como temas que desafiam a compreensão e que geram debates.

Hoje, as mudanças no processo produtivo criaram um processo de descentralização ou de desconcentração[21]? Como se realiza o processo de mundialização do espaço e de constituição da sociedade urbana? As grandes metrópoles nacionais se transformam em que direção [22]?

A realização do capital impõe sempre novas estratégias, pois ao migrar incessantemente de um setor a outro da economia gera sempre novas possibilidades de continuar se reproduzindo; é neste contexto que surge um novo setor da economia, o turismo, o processo de produção não produz só mercadorias convencionais, mas sobretudo o espaço.

Por outro lado, o desenvolvimento do mundo da mercadoria invade completamente a vida cotidiana - a reprodução agora passa por outros planos; se na primeira metade do século passado a acumulação se realizava basicamente nos espaços restritos ao processo de produção da mercadoria, hoje o processo de reprodução toma toda a sociedade; para continuar se reproduzindo o capital precisa produzir ao espaço, o urbano, a vida cotidiana. Nessa direção, novas categorias de análise emergem, caso daquela de cotidiano, com ela o desafio de retomar a análise marxista num outro patamar a partir da obra de Henri Lefèbvre[23].

Através desta perspectiva algumas questões nos desafiam, em primeiro lugar, a necessidade da diferenciação entre globalização / mundialização; em segundo o modo como a questão espacial, hoje, repõe em outros termos a relação lugar/região no plano do mundial que se anuncia.

O tema da globalização permeia nosso cotidiano de pesquisa, mas também nossa vida. Para alguns pesquisadores a globalização se constitui como um novo paradigma para entender o mundo moderno; mas os debates em torno da noção de globalização revelam, fundamentalmente, a dimensão econômica do processo; nesta direção é vista como articulação de mercados, como reunião de empresas; como a construção do mercado mundial, etc. A esta noção contraponho aquela de mundialização[24] que aponta para uma outra direção: ela pode guardar o conteúdo da constituição da sociedade urbana, o conteúdo da construção de novos valores, de um modo de vida, de uma outra identidade, agora mediada pela mercadoria.

A meu ver o processo de mundialização nos coloca diante da perspectiva de análise da realidade em constituição revelando de um lado a produção de um espaço mundial e de outro a constituição da sociedade urbana - ambos processos se desenvolvem superando os limites e fronteiras dos paises - aqui o método dialético aponta as virtualidades do processo. Revela também a necessidade de articulação de diversas escalas espaciais - estes planos articulados revelam conteúdos diferenciados, ao mesmo tempo, que sua indissociabilidade, inexorável. Não só recompondo as análises das relações entre cidade/campo; cidade/região como também entre cidades médias e a metrópole[25]; entre centro e periferia, etc.

Nesta direção a sociedade atual contemporânea se revela, tendencialmente, como uma sociedade urbana enquanto objeto real, concreto e virtual - isto é, ao mesmo tempo em que se

[21] Sandra Lencioni, tese de Doutorado, Departamento de Geografia, FFLCH-USP, mimeog.

[22] Como aparece nos trabalhos de José Borzacchiello da Silva, Amélia Luisa Damiani, Odette Lima de Carvalho Seabra e Jan Bitoun, apresentados nos simpósios nacionais de Geografia Urbana, realizados bienalmente no Brasil, desde 1989.

[23] Esse debate vem sendo realizado pelo grupo de estudos sobre Henri Lefèbvre no Departamento de Geografia da FFLCH-USP, composto pelas professoras Amélia Luisa Damiani, Odette Carvalho de Lima Seabra, Margarida Maria de Andrade e Ana Fani Alessandri Carlos, que segundo Maurício de Abreu, criam uma corrente na geografia brasileira que denomina "marxista lefebvriana".

[24] Ana Fani Alessandri Carlos, Espaço-tempo na metrópole, op. cit.

[25] Há um grupo de geógrafos no Brasil que estuda as cidades médias, por exemplo, dentre eles Maria Encarnação Beltrão Sposito e Beatriz Ribeiro Soares.

caracteriza como uma realidade, aponta uma tendência[26]. Está posto no horizonte, portanto, a produção da sociedade urbana e da constituição de um espaço mundial revelando novas articulações entre os espaços, bem como entre as escalas. Repensar a relação entre o local e o mundial se coloca como fundamental para entender o mundo moderno.

É no plano do lugar que é possível, por exemplo, entender a racionalidade homogeneizante inerente ao processo de acumulação que não se realiza apenas produzindo objetos e mercadorias, mas liga-se, cada vez mais, à produção de um novo espaço, de uma divisão e organização do trabalho, de modelos de comportamento que induzem ao consumo revelando-se como norteadores da vida cotidiana [27]. É também no plano do lugar que se resgata a história e seus conteúdos como apontam Abreu e Vasconcelos.[28]

Outra perspectiva para a análise do lugar é aquela definida no âmbito da geografia humanista. Holzer, por exemplo, propõe "que se defina o lugar sempre como um centro de significados e, por extensão, um forte elemento de comunicação, de linguagem, mas que nunca seja reduzido a um símbolo despido de sua essência espacial, sem a qual torna-se outra coisa"[29].

A generalização da urbanização e da formação de uma sociedade urbana produz novos padrões de comportamento obedecendo a uma racionalidade inerente ao processo de reprodução das relações sociais, no quadro de constituição da sociedade urbana, que se revela na prática sócio-espacial. Ao lado da tendência à homogeneização, caminha, progressivamente, o processo de fragmentação do espaço e da sociedade.

Os problemas postos pela urbanização ocorrem no âmbito do processo de reprodução geral da sociedade. Por isso mesmo a mundialização também produz modelos éticos, estéticos, gostos, valores, moda, constituindo-se como elemento orientador, fundamental à reprodução das relações sociais. Esse processo, se de um lado, ocorre em lugares determinados do espaço, manifesta-se, concretamente, no plano da vida cotidiana. A reprodução tem o sentido da constante produção das relações sociais estabelecidas a partir de práticas espaciais enquanto acumulação, preservação, renovação. A reprodução do espaço urbano é um fenômeno contínuo, em movimento o que significa que a cidade vai se transformando na medida em que a sociedade vai se metamorfoseando.

Assim, o estágio atual da urbanização coloca problemas novos, produzidos em função das exigências em matéria de comunicação, de deslocamentos os mais variados e complexos criando ou acentuando uma hierarquia desigual de lugares onde a união destes pontos dá-se através de nós de articulação que redefinem as funções da metrópole, sede da gestão e da organização das estratégias que articulam espaços numa realidade complexa e contraditória. Os debates em torno da rede urbana ganham novos matizes.[30]

De um lado, transformações que se estabelecem no plano do vivido, o lugar enquanto momento da reprodução da vida e, de outro, a mundialidade que se constitui determinando padrões, concretizando-se na ordem próxima. É no plano do processo de reprodução que a análise da realidade urbana envolve o **cotidiano** que aparece enquanto produto histórico. Assim, a noção de cotidiano liga-se àquela de reprodução (a um momento histórico deste processo) que compreende uma multiplicidade de aspectos, sentidos, valores. Daí, analisarmos as relações entre

[26] Conforme aponta Henri Lefèbvre, La révolution urbaine.

[27] Ana Fani Alessandri Carlos, O lugar no/do mundo, Editora Hucitec, São Paulo, segunda edição, 2002.

[28] Maurício de Abreu (no Rio de janeiro) e Pedro Vasconcelos (na Bahia) desenvolvem seus trabalhos apoiados nas perspectivas abertas pela Geografia Histórica.

[29] Werther Holzer, "O lugar na geografia Humanista", in: Revista Território, n. 8, LAGET/ UFRJ. Rio de janeiro, 1999, p.76.

[30] Como apontam os trabalhos de Roberto Lobato Corrêa.

a reprodução do espaço e a reprodução da vida na metrópole a partir da análise da vida cotidiana - lugar onde se constata a tendência desigual e contraditória da instauração do cotidiano.

Dentro deste raciocínio, caminhamos da escala da reprodução do lugar - que se revela também enquanto plano do vivido - àquela da produção de um espaço mundial.

A análise de Milton Santos sobre esse momento da história aponta outra direção entendendo o espaço, hoje, enquanto meio técnico-científico-informacional, para o qual se privilegia a mediação da técnica como elemento definidor da nossa realidade. "A técnica é a grande banalidade, o grande enigma, e é como enigma que ela comanda nossa vida, nos impõe relações, modela nosso entorno, administra nossas relações com o entorno"[31]. "Na sua forma material, unicamente corpórea, as técnicas talvez sejam irreversíveis, porque aderem ao território e ao cotidiano. De um ponto de vista, elas podem obter um outro uso e uma outra significação, pois a globalização atual não é irreversível"[32].

A acrescentar no caso brasileiro uma consideração importante, Correia[33] salienta sobre a globalização, que ela não é um fenômeno homogêneo, além dos fortes desníveis econômicos e sociais, há fortes resistências à integração e à dominação. Essa desigualdade ilumina nossas especificidades, colocando, em cena, novas noções; o debate em torno do cotidiano acima apontado, revelando as lutas que ocorrem em torno das estratégias imobiliárias que produzem as segregações na cidade, a deterioração do centro e os projetos de sua renovação; a verticalização[34], o transporte; problemas com a infra-estrutura (tanto na cidade quanto no campo), a violência, a droga[35]. O modo como se desenvolve o mundo da mercadoria criou novas relações entre os momentos da produção e aqueles da distribuição e do consumo - os *shopping centers* pontuam hoje as cidades brasileiras e aparecem como tema de pesquisa[36].

A desigualdade decorrente da globalização ilumina os estudos de Berta Becker[37] sobre a Amazônia[38], no modo como a região se integra à economia mundial, fundamentada na idéia de fronteira como potencial de recurso no quadro brasileiro.

A Geografia também não pode ignorar os movimentos sociais, tanto os que surgem na cidade[39] (como é o caso dos "sem teto" e as suas lutas por moradia) nem no campo. Ambos colocam em cheque, na sociedade capitalista, a existência da propriedade privada da terra e, com isso, revelam que não há perversidade - como apontam alguns autores - no processo de reprodução do espaço, mas profundas contradições.

Na cidade o modo como as contradições da reprodução social ocorrem geram a idéia de caos urbano que os planejadores bem intencionados tentam resolver com projetos mirabolantes.

[31] Milton Santos, "Técnica, espaço e tempo", Editora Hucitec, São Paulo, 1994. p. 20.
[32] Milton Santos, "Por uma outra globalização", Editora Record, Rio de janeiro, 2001, p. 174.
[33] Manuel Correia de Andrade, Globalização e Geografia, Editora Universitária Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1996.
[34] Maria Adélia aparecida de Souza, "A identidade da metrópole".
[35] Esse tema foi desenvolvido por Marcelo Lopes de Souza, in: Urbanização e desenvolvimento no Brasil atual, Editora Ática, São Paulo, 1996 e Lia Osório Machado, O comércio ilícito de drogas e a geografia da integração financeira: uma simbiose? In: Questões atuais da reorganização do território, org. Iná Elias de Castro et alii, Editora Bertrand Brasil, Rio de Janeiro, 1996.
[36] A destacar o trabalho de Silvana Pintaudi da UNESP, Rio Claro, São Paulo.
[37] Tendências da transformação do território no Brasil, Revista Território, LAGET, UFRJ, Relume Dumará, n. 8, 1996, Rio de Janeiro.
[38] Destaco os trabalhos de Ariovaldo Umbelino de Oliveira, Wanderley Messias da Costa, em São Paulo; Lia Osório Machado e Berta Becker no Rio de Janeiro, e caminhando noutra direção na medida em que trabalhas as cidades na Amazônia o professor da Universidade Federal do Amazonas, José Aldemir de Oliveira com sua tese de doutorado, As cidades na selva, defendida no Departamento de Geografia da FFLCH-USP
[39] a destacar o trabalho de Arlete Moysés Rodrigues, tese de doutoramento, defendida no Departamento de Geografia, FFLCH- USP.

A segregação na cidade alimenta a idéia de caos urbano que cria as bases para a gestão empresarial da cidade e a figura do prefeito - gerente para salvá-la. Aqui, um modelo se projeta: aquele que aparece como perfeito produto da mercantilização, não mais de parcelas do espaço, mas de toda a acidade "bem governada" em busca de um lugar no futuro globalizado. Aqui, o que se vende é a cidade e um tipo de gerir a cidade (como uma empresa). A construção da sociedade se move, assim, em direção à construção de uma morfologia que exclui, segrega, a uma estética que degenera a rua, onde toda preocupação lúdica se esvai num universo em que o lazer, cada vez mais submetido ao universo da mercadoria, exacerba a segregação. Na contrapartida, a **"reforma urbana**" aparece sob a forma fragmentar de renovação de parcelas da cidade, com aberturas de novas vias de transito, construção de pontes e viadutos, grandes edifícios, ou mesmo de bairros fechados, contribui para a constituição das periferias implodidas, como produto indiscutível do progresso onde tudo é imposto por uma "chantagem de utilidade"[40], que permite forjar o 'consentimento da população' para projetos espetaculosos como único caminho possível da cidade esvazia o sentido do habitar esvaziando-o do lúdico e de toda a poesia.

Na cidade brasileira a reprodução da vida gera estratégias de sobrevivência - a construção de favelas e cortiços, por exemplo, ou mesmo um modo de morar nas ruas da cidade - nas ruas, vê-se novas atividades como aquelas dos catadores de papéis ou latas de refrigerantes e cervejas que alimentam o mercado dos artigos reciclados. De outro lado, as estratégias das classes médias se trancando em condomínios fechados[41] com altos muros e serviço sofisticado de segurança. Esses fenômenos apontam as formas da segregação espacial.

Na geografia agrária, a construção da análise do campo brasileiro coloca como fundamental, a compreensão do papel e do lugar dos camponeses na sociedade brasileira, revelando o fato, segundo Oliveira[42], que se o capitalismo em sua essência é internacional, sua lógica que envolve a terra é que é nacional. No caso brasileiro, os caminhos da acumulação capitalista, no que se refere à reprodução da agricultura camponesa, produzem, respectivamente, dois conceitos aquele que aponta para a territorialização do capital na agricultura - conceito político que significa, para o autor, o entendimento do território enquanto *lócus* definido da monopolização do capital que se difere da idéia da espacialização da luta pela terra no campo, pois esta revelaria a mobilidade do processo, isto é a luta pela terra é difusa não se concentrando num único lugar, enquanto o capital precisa se localizar num determinado lugar para criar as bases concretas de sua reprodução. Assim, espacialização e territorialização são dois conceitos que abrem, aqui, outras perspectivas de análise - sua base é o materialismo dialético.

As atuais lutas (promovidas pelo movimento dos sem terra no Brasil - MST) que despontam no campo abrem a perspectiva de entender as contradições que surgem do fato de que o capitalismo num outro plano revelando conflito entre submissão / contestação no seio do processo de trabalho. Assim, o capitalismo não submete toda a sociedade; há uma classe social que não aceita passivamente a subordinação da lógica capitalista indicando a possibilidade de superação desta ordem, segundo Oliveira, e Mançano Fernandes[43]. Há, portanto, no seio da sociedade brasileira, uma classe que contesta a existência da propriedade privada da terra tanto no campo quanto na cidade obrigando sua interpretação.

Finalmente, ainda quero destacar, um fenômeno recente. A Geografia começou a refletir sobre o impensável, até pouco tempo. Hoje, muitos trabalhos se debruçam sobre a festa, a músi-

[40] Attila Kotanyi e Raoul Vaneigem, Boletim n. 6. Agosto de 1961, Internationale Situationiste, Fayard, Paris , 1997, p. 215- tradução Amélia Luisa Damiani.
[41] Pode ser visto nos trabalhos de Amália Inês Lemos.
[42] Ariovaldo Umbelino de Oliveira, op. cit.
[43] Bernardo Mançano Fernandes e Ariovaldo Umbelino de Oliveira.

ca[44], a literatura, o cinema[45], colocando em cena a relação entre a Geografia e a arte, o que vem abrindo muitas possibilidades de pesquisa. Muitas dessas pesquisas se apóiam na Geografia Humanista, mas o materialismo também permite construir uma rica interpretação desta relação.

As contradições na produção do saber

Se, no final dos anos 70, o grande debate se baseava no questionamento das análises geográficas, principalmente no que se referia ao seu papel explicativo no mundo moderno, a partir da superação das descrições regionais, hoje, não há mais consenso sobre este fato. A preocupação com a "geografia aplicada" e o debate em torno da Geografia do Turismo colocam a questão num outro patamar:

a) a Geografia - enquanto saber aliado ao Estado produz **a Geografia aplicada** ao planejamento - caso típico a produção de relatórios de impacto ambiental. Como decorrência, produzem o conhecimento necessário capaz de embasar a ação do estado. Cada vez mais reproduzida enquanto expressão de uma **organização racional,** escamoteia conflitos e os processos de transformações / renovações da metrópole, por exemplo, trazem como conseqüência a perda da sociabilidade, o empobrecimento das relações sociais na medida em que desintegram a vida urbana porque limitam as possibilidades de apropriação. O **Estado**, através do planejamento, reproduz um espaço de dominação, logo homogêneo que entra ora, em contradição/conflito com o espaço dos interesses específicos da reprodução do capital ora se alia a ele.

Nesta direção, antes de produzir uma visão crítica dos processos que pregam a renovação da cidade, esta Geografia vem se constituindo na base científica da atuação do estado – que é o que se pode ver em alguns relatórios de impacto ambiental. Esse discurso se baseia na redução da cidade à sua função econômica (que impõe uma racionalidade ao espaço), o que exigiria uma solução técnica para superar o cenário de crise, cujo caminho seguro é a cidade bem administrada. É assim que surgem, no cenário mundial, os novos prefeitos – empresários e uma nova mercadoria: a cidade. A "nova gestão empresarial da cidade" vende a própria cidade no mercado mundial – cujo caso típico é Curitiba ou Barcelona[46] - as soluções urbanísticas agora aparecem como um "novo produto no mercado global". Esse discurso encobre o fato de que a vida na cidade é incompatível com a racionalidade imposta – no espaço – pelo processo de reprodução atual alicerçado sobre os processo de globalização.

Aqui, a ciência é usada para alimentar e justificar a prática do Estado – os relatórios técnicos servem como base para a realização do poder no espaço. A relação espaço-estado ilumina do plano do planejamento que faz *tabula rasa* da prática socioespacial esvaziando-a e, nessa direção, reduzindo a noção de território aquela de quadro físico e o cidadão em usuário de meios de consumo coletivo dispostos no espaço.

b) a Geografia do Turismo - contraditoriamente, a análise dos espaços turísticos produz, de um lado, uma pesquisa preocupada com o desvendamento do momento da reprodução do espaço, e nesta direção o turismo aparece como um novo ramo da economia hoje, o que requer uma análise aprofundada sobre seu papel na reprodução social; de outro lado, a preocupação se volta para as necessidades do mercado, onde muitos se preparam para vender o espaço ao invés de desvendá-lo. Nesta direção, a preocupação não é com a pesquisa, mas com a criação de cursos para formar profissionais para o mercado em expansão. Aos profissionais cabe a tarefa de criar as

[44] João Batista Ferreira de Melo, Gisele Santos Laitano.
[45] Jorge Luis Barbosa.
[46] Análise desenvolvida por Fernanda Sanches em sua tese de doutorado "A reinvenção das cidades para o mercado mundial", Departamento de Geografia, FFLCH-USP, mimeog.

estratégias capazes de tornar atrativos, os lugares, para consumo, numa sociedade em que todos os momentos da vida cotidiana se acham penetrados e dominados pela realização da mercadoria. Nesse sentido, o turismo e o lazer, enquanto momento da reprodução do espaço - suscitada pela extensão do capitalismo – torna o espaço uma mercadoria de desfrute, passível de ser consumido colocando, aos geógrafos, a tarefa de "vender os lugares" através da produção de um discurso competente.

Conclusão

Como fechamento, uma abertura: mais do que nunca é mister a construção de uma Geografia Crítica como horizonte para a pesquisa. À Geografia, está posto o desafio da produção de um conhecimento que dê conta da construção de uma teoria da prática socioespacial enquanto produção e condição para a vida revelando nossa condição no mundo.

O caminho de minha análise sobre a Geografia brasileira aponta um momento em que o movimento da produção do espaço revela relações conflituais profundas**, colocando a dialética no centro da questão.** Como ignorar este fato?

Segundo Lobato Corrêa[47], surge, hoje, na Geografia, uma preocupação com o **futuro,** definida pelo impacto da globalização entendida como sendo uma etapa superior da espacialidade capitalista no sentido em que a economia capitalista atingiu toda a superfície terrestre a partir da formação dos grandes conglomerados que geram mega-corporações que controlam a economia mundial com um impacto espacial enorme. Seria, ela, um novo paradigma que nos ajudaria a entender o mundo moderno? Acho que não está clara esta possibilidade. Então, qual é a direção?

A volta ao empirismo, a recusa do debate teórico na pesquisa que se desdobra e se limita ao plano fenomênico, ou ainda na postura que reduz os problemas atuais a uma possibilidade técnica, viabilizando a produção econômica (e, com isso, atendendo as necessidades da acumulação), revela uma crise teórica na Geografia. Invadida, hoje, pelo discurso da pós-modernidade, a Geografia, às vezes, sucumbe diante da necessidade da não-teorização dos temas de sua alçada, o que revela, a meu ver, um recuo e coloca uma necessidade. Superados os debates dos anos 70, que propunham a necessidade de repensar a Geografia e sua contribuição para o desvendamento do mundo, apoiada no legado marxista, como embasamento da construção de um pensamento radical, onde se centraria, a potencialidade da crítica radical, hoje, da Geografia, quando muitos falam do abandono deste legado?

Bibliográfia

ANDRADE, M. C. (1977). O pensamento geográfico e a realidade brasileira. *Boletim Paulista de Geografia* n° 54. São Paulo, Associação dos Geógrafos Brasileiros.

BECKER, B.K. (1997). Tendências de transformação do território no Brasil. Vetores e circuitos. *Revista Território*, no 2, vol.1. Rio de Janeiro, Laget, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

_____. (1999). Brasil – Tordesilhas, ano 2000. In: *Revista Território*, n° 7. Rio de Janeiro, Laget, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

CARLOS, A. F. A. (1991). Pensando novos caminhos da geografia urbana. Apresentado no *II Simpósio Nacional de Geografia Urbana*. Rio Claro, 1991.

_____. (1994). *A (re)produção do espaço urbano*. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo.

_____. (1996). *O lugar no/do mundo*. São Paulo, Editora Hucitec.

_____. (2001). *Espaço - tempo na metrópole*. São Paulo, Editora Contexto.

_____. (org.) (1994). *Os caminhos da reflexão sobre a cidade e o urbano*. Editora da Universidade de São Paulo, São Paulo.

_____. (org.) (1996). *Ensaios de Geografia Contemporânea: Milton Santos Obra Revisitada*. São Paulo, Editora Hucitec.

_____. (org.) (1999). *Novos caminhos da Geografia*. São Paulo, Editora Contexto.

_____. (org.) (1999). *A Geografia na sala de aula*. São Paulo, Editora Contexto.

[47] Roberto Lobato Corrêa, conferência apresentada no Seminário da ANPEGE, março de 2002, Departamento de Geografia, FFLCH-USP.

CARLOS, A. F. A., YÁZIGI, E. e CRUZ, R. C. A. da. (1996). *Turismo: espaço, paisagem e cultura.* São Paulo, Editora Hucitec.

CASTRO, I. E., GOMES, P. C. C., CORRÊA, R. L. (1997). *Explorações Geográficas.* Rio de Janeiro, Editora Bertrand Brasil.

COSTA, W. M. (1999). Políticas Territoriais Brasileiras no contexto da integração sul-americana. In: *Revista Território*, n° 7. Rio de Janeiro, Laget, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

DAMIANI, A. L., CARLOS, A. F., SEABRA, O. C. L. (orgs.) (1999*). O espaço no fim de século: a nova raridade*. São Paulo, Editora Contexto.

GERARD, L. H. O., MENDES, I. A. (orgs.) (2001). *Teoria, Técnicas, Espaços e Atividades. Temas de geografia contemporânea.* Programa de Pós-Graduação em Geografia -UNESP – Rio Claro.

GOMES, P. C. C. (1996). *Geografia e modernidade.* Rio de Janeiro, Editora Bertrand Brasil.

_____. (1997). A dimensão ontológica do território no debate da cidadania: o exemplo canadense. *Revista Território*, no 2, vol. 1. Rio de Janeiro, Laget, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

HOLZER, W. (1999). O lugar na geografia humanista. *Revista Território*, n° 7. Rio de Janeiro, Laget, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

MACHADO, L. O. (1997). O controle intermitente do território amazônico. *Revista Território,* n. 2, vol. 1. Rio de Janeiro, Laget, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

MENDONÇA, F. (2001). Geografia socioambiental. *Revista Terra Livre*, n° 16, 1° semestre/2001. São Paulo, Associação dos Geógrafos Brasileiros.

MENEZES, A. V. C., PINTO, J. E. S. S. (orgs.) (2001). *Linhas Geográficas.* Série Dissertações. Aracaju, Núcleo de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Sergipe.

MONTEIRO, C. A. F. (1980). *A Geografia no Brasil (1934-1977). Avaliação e Tendências*. Instituto de Geografia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

MORAES, A. C. R. (1999). Notas sobre formação territorial e políticas ambientais no Brasil. *Revista Território*, n° 7. Rio de Janeiro, Laget, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

MOREIRA, R. (org.) (1982). *Geografia: Teoria e Crítica: um saber posto em questão.* Petrópolis.

OLIVEIRA, A. U. de, PONTUSCHKA N. N. (orgs.). (2002). *Geografia em Perspectiva.* São Paulo, Editora Contexto.

REGO, N., SUERTEGARAY, D. M. A., HEIDRICH, A. (2001). O ensino da geografia como uma hermenêutica instauradora. *Revista Terra Livre,* n° 16, 1° semestre/2001. São Paulo, Associação dos Geógrafos Brasileiros.

REVISTA FORMAÇÃO, no 7. *Modernidade, Teoria e Práxis.* Presidente Prudente, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Faculdade de Ciência e Tecnologia Universidade Estadual Paulista, 2000.

ROSENDAHL, Z., CORRÊA, R. L. (orgs.) (1999). *Manifestações da cultura no espaço.* Rio de Janeiro, Editora da Universidade Estadual do Rio de Janeiro.

SANTOS, M. (1978). *Por uma geografia nova.* São Paulo, Editora Hucitec.

_____. (org.) (1982). *Novos Rumos da Geografia Brasileira.* São Paulo Editora Hucitec-Edusp.

SEABRA, O. C. L. (1996). O pensamento de Henri Lefèbvre e a Geografia. *Boletim Paulista de Geografia* n° 74, São Paulo, Associação dos Geógrafos Brasileiros.

SILVA, A. C. da. (1984). A renovação geográfica no Brasil (1976-1983). *Boletim Paulista de Geografia* n° 60.São Paulo, Associação dos Geógrafos Brasileiros.

SILVA, A. C. (1996). "Produção do espaço e valor". *Boletim Paulista de Geografia* n° 74, São Paulo, Associação dos Geógrafos Brasileiros.

SPOSITO, E. S. (2001). A propósito dos paradigmas de orientações teórico-metodológicas na geografia contemporânea. *Revista Terra Livre*, n° 16, 1° semestre/2001. São Paulo, Associação dos Geógrafos Brasileiros.

SUERTEGARAY, D. M. A., SCHÄFFER, N. O. (1988). Análise Ambiental: a atuação do geógrafo para e na sociedade. Porto Alegre: a metrópole e seu delta. *Revista Terra Livre* n° 3. São Paulo, Marco Zero, Associação dos Geógrafos Brasileiros.

TARIFA, J. R., AZEVEDO, T. R. (orgs.) (2001). Os climas na cidade de São Paulo. Teoria e Prática. *GEOUSP*-Coleção Novos Caminhos 4. São Paulo, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Departamento de Geografia FFLCH - Universidade de São Paulo.

VASCONCELOS, P. A. (1999). *Dois séculos de pensamento sobre a cidade.* Ilhéus, Editora da Universidade Santa Cruz.